

“Ortopedias” para as “sexualidades desviantes”: teorias e experimentos de terapias de “reversão sexual” na endocrinologia do início do século XX¹

Giulia Bauab Levai (PPGAS-UNICAMP/SP)

Resumo: A chamada “cura gay” é uma ideia antiga, que parece sempre voltar a emergir, sobretudo em contextos políticos instáveis, por nunca ter sido realmente abandonada. No Brasil da crise que vivemos, volta e meia nos deparamos com termos como “reversão sexual” em manchetes que nos dão notícia de projetos de lei, liminar ou experimentos publicados em revistas como a Science. Há algum tempo, por conta do ofício, habituei-me a ler jornais brasileiros do início do século passado. Ora, “cura do homossexualismo” e “reversão sexual” são temas que ganham destaque em publicações dos endocrinologistas mais pavorosos do início do século XX, sobretudo e não por acaso, na década de 1930; agora, o fazem (além de pastores) alguns psicólogos, num cenário político que assiste a ascensão do fascismo. Desde aquela época, e até hoje – por mais que os usos da endocrinologia venham sendo radicalmente resignificados, por meio de muita luta, para atender aos interesses da população transgênero –, a “correção” das “sexualidades desviantes” mobilizou muitos profissionais da saúde. Proponho-me a discorrer sobre este tema na endocrinologia sexual de cem anos atrás, para trazer perspectiva histórica e lançar luz à sua contemporaneidade, e às articulações entre ciência e política na medicina do sexo.

Palavras-chave: Primórdios da endocrinologia; controvérsias científicas; terapias hormonais.

Introdução

Em meio ao nefasto cenário político que o Brasil enfrenta atualmente, tendo sucumbido a uma profunda ofensiva conservadora – que começa a se alastrar em 2013, adensando, progressivamente, uma indizível explosão de discursos de ódio, propagados aos quatro cantos do país, e culmina com a ascensão de um fascista à presidência da República – a chamada “cura gay” vem sendo repetidamente acionada, entre outros temas alarmantes. Tal assunto se conserva como uma ideia que sempre acaba voltando à superfície – sobretudo, em momentos políticos instáveis – por nunca ter sido, de fato, abandonada. Pretendemos, aqui, olhar para outro momento da história, em que tais ideias estiveram em voga na biomedicina: o início do século XX, e particularmente, a década de 1930.

Um cidadão que nos seja contemporâneo, decerto, se lembra do assunto dos projetos de lei da “cura gay”, que dizem respeito a terapias “reparativas”, de “reorientação” ou de “conversão sexual”, e/ou com os debates “científicos” apresentados ao público leigo, relativos ao mesmo tema.

No início de 2013, o pastor Silas Malafaia e o biólogo Eli Vieira dividiram opiniões (em dois lados bastante problemáticos) quanto à possibilidade de indivíduos homossexuais alterarem intencionalmente a própria sexualidade, e à “prova científica” do chamado “gene gay”, que determinaria a orientação sexual de cada indivíduo no momento do nascimento

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

(Fry; Carrara, 2016). No próprio ano de 2018, podemos ler jornais e revistas brasileiras apresentando ao público leigo experimentos de “reversão sexual” veiculados em revistas científicas como a *Science*². É de se notar como o debate científico contemporâneo sobre o tema, hoje em dia é marcado pelos campos da genética e da pesquisa genômica, em pesquisas que buscam avaliar o papel e a influência de cromossomos e bases moleculares sobre a determinação da sexualidade, e sobretudo, a homossexualidade humana. Se os terrenos disciplinares e as esferas de mobilização são outros, e variam conforme a voga científica e midiática de cada período, os pânicos morais para com as dissidências sexuais são bastante correlatos.

Durante minha pesquisa de mestrado (Levai, 2016), dedicada a uma documentação do início do século XX, referente ao estabelecimento da endocrinologia no Brasil – pesquisa cujo recorte foram o debate em torno deste assunto, que extrapolou os círculos científicos para chegar ao público leigo e à opinião popular – me deparei, ainda que tangencialmente, com o tema das terapias de “reversão sexual” daquela época, objeto do presente artigo.

Se esse foi um período em que a ciência provocava um enorme deslumbramento nas mentes científicas e leigas, foi também um período de instabilidade interna e desconfiança popular em relação à medicina científica, que avançava a todo vapor, rumo ao progresso...como um trem desgovernado. Assim alertavam certos escritores daquela época, como Maria Lacerda de Moura (1931), antevendo o precipício a que se chegaria nos anos 1930, e o modo como muitos doutores se ligariam aos projetos nazifascistas.

A pesquisa girou em torno da figura do médico-cirurgião franco-russo Serge Voronoff (1866-1951), e sua repercussão no Brasil. Outro grande nome da endocrinologia, com o qual me deparei repetidamente, nas fontes, foi o fisiologista vienense Eugene Steinach (1861-1944). Voronoff, diretor do Laboratório de Cirurgia Experimental do Collège de France, e Steinach, diretor da Divisão de Fisiologia no Instituto Vienense para Biologia Experimental, ambos foram médicos estrangeiros que se tornaram verdadeiras celebridades nos anos 1920, no Brasil e o no mundo, com as terapias hormonais. Sobretudo, ao lançarem “métodos de rejuvenescimento” a partir da manipulação de glândulas e hormônios sexuais.

Em 1919, Serge Voronoff apresentava à classe médica e ao público leigo uma polêmica técnica cirúrgica: a manipulação de glândulas sexuais, extraídas de testículos e ovários de macacos e enxertadas em órgãos sexuais de seres humanos. No mesmo período,

² Veja-se o artigo “Cientistas cortam DNA de cobaias machos e ovário aparece no lugar de testículo”. *GI*. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/cientistas-cortam-dna-de-cobaias-machos-e-ovario-aparece-no-lugar-de-testiculo.ghtml> Acesso em 21 de julho de 2018.

Eugene Steinach prescrevia injeções de extratos hormonais (extraídos também, de órgãos sexuais animais) a seres humanos, ou ainda, entre outras técnicas cirúrgicas de sua autoria, a aplicação de *raios-x* sobre os ovários ou testículos de seus pacientes. Cada qual com seu método, os dois doutores prometiam os atrativos benefícios da intensificação da atividade hormonal sobre os organismos (no caso de Voronoff, tanto humanos quanto animais³): aumento da força vital, revitalização do organismo, aumento da clarividência mental, intensificação da libido e do potencial reprodutivo.

Nas décadas de 1920 e 1930, esse tipo de terapia foi difundido ao redor do mundo e aplicado em milhares de indivíduos que sonhavam rejuvenescer com glândulas de macaco, extratos injetáveis ou sessões de radiação. Mas o rejuvenescimento não era a única promessa da terapia hormonal. Muitos médicos e profissionais da área medicina, biologia e psicologia, entusiastas de Voronoff e Steinach propagaram as intervenções endócrinas como uma forma de terapia para desequilíbrios hormonais de toda sorte. E julgaram terem encontrado na endocrinologia possibilidades que deveriam compor os estudos da chamada “reversão sexual”, da “cura” para o “homossexualismo” (Ribeiro, 1938).

1. Sexualidade e intemperança

O tema sexualidade, junto aos embates morais a ele atrelados, foi, certamente, uma das tônicas do início do século XX, sobretudo da década de 1920. Cumpre observar que a sexualidade já figurava como um grande tema na literatura naturalista brasileira do final do século XIX, que dedicou muito à questão da intemperança.

A questão pede uma breve menção ao segundo volume da *História da Sexualidade* (1984), onde o Michel Foucault aborda doutrinas filosóficas da Grécia antiga, no que elas se referem à “moral dos prazeres” e à virtude da temperança e do domínio de si, como valores que se somavam naquele que era capaz de comandar “suas feras interiores”, dominando “as forças selvagens do desejo” (Foucault, 1984: 72; 75). Na leitura de M. Foucault sobre o pensamento de Xenofonte, a experiência da carne assumiria um caráter inferior, não porque derivasse de um mal emanado pelo prazer sexual em si, mas por sua qualidade ontológica comum aos animais e aos homens. Os prazeres da carne associavam-se, assim, à entrega corpórea, àquilo que nos comunga com os animais, à incapacidade de governança e à própria

³ As terapias hormonais, sobretudo as de Serge Voronoff – que iniciou seus experimentos de enxertia glandular visando aumentar e potencializar a produtividade nos rebanhos da indústria pecuária – foram utilizadas em larga escala em animais de criação, de modo que a operação de “voronoffização” foi rapidamente apropriada por zootecnistas, veterinários e fazendeiros.

ideia de feminilidade. Em grandes linhas, nestas equações, aquele que era intemperante aproximava-se, inevitavelmente, da animalidade bestial.

Séculos adiante, o argumento de que a submissão aos impulsos da carne envolve os indivíduos intemperantes em uma atmosfera bestial aparece como um dos chavões do chamado “romance de tese” brasileiro. Fazem-no, por exemplo, entre outros, os clássicos *A Carne* (1999) e o *Bom-Criolo* (1995). E mesmo a trilogia *Vítimas Algozes* (s/d⁴), que data de um período anterior à consolidação desse gênero.

Ao explorar o assunto da sexualidade e suas chamadas perversões, estes romances apoiavam-se em teses científicas da época, dentre as quais figuravam, por exemplo, o darwinismo social e o racismo científico (Senra, 2006: 16). Recurso mais que recorrente nesse gênero literário é a animalização das personagens – em seus estereótipos da histérica, do homossexual, do branco corrompido e devasso e do afrodescendente hiperssexualizado – rendidas aos impulsos bestiais que comandam seus excessos sexuais.

A personagem de Amaro, o Bom-Criolo, por exemplo, é apresentada, no início do romance de Adolfo Caminha, da seguinte forma: “– Um pedaço de bruto, aquele Bom Criolo! diziam os marinheiros: Um animal inteiro é o que ele era!” (Caminha, 1995: 17). Este personagem, ao longo da novela, se vê tomado de irrefreáveis desejos afetuosos e carnis pelo jovem marinheiro Aleixo, que ele toma como amante. Ainda que, a princípio, o Bom-Criolo tivesse reservas em admitir para si um comportamento sexual como este, logo se rende, chegando a pensar: “Se os brancos faziam, quanto mais os negros! a natureza pode mais que a vontade humana...” (Caminha, 1995: 34)

No final da novela, sua personagem é sintetizada da seguinte forma:

O Bom-Criolo da corveta, sensual e uranista⁵, cheio de desejos inconfessáveis, perseguindo o aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga que estréia na libertinagem, o Bom-Criolo erotômano⁶ da rua da Misericórdia, caindo em êxtase perante um efebo nu, como um selvagem do Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano [...] (Caminha, 1995: 77).

Evidencia-se o modo como a sexualidade da personagem é transposta para o domínio da animalidade e do selvagem africano.

⁴ Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000124.pdf> Acesso 1 de junho de 2018.

⁵ “uranista” in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*: 1. Que ou quem é homossexual. = URANIANO. 2. Relativo à homossexualidade. Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/uranista> Acesso em 11 de julho de 2018.

⁶ O mesmo que erotomaníaco; aquele que sofre de erotomania. “erotomania” in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*: 1. Desordem mental caracterizada pela predominância de ideias amorosas ou sexuais. 2. Delírio erótico. Disponível em <http://www.priberam.pt/dLpo/erotomania> Acesso em 11 de julho de 2018.

Outra obra repleta de associações metafóricas entre sexualidade e animalidade é *A Carne*, de Júlio Ribeiro (1999). A protagonista não é uma negra escrava ou ex-escrava, mas Lenita, uma “cultivadíssima” donzela da elite branca do Rio de Janeiro. No entanto, em dado momento de sua mocidade, seu cérebro, tão habituado a enredar-se nas complexas questões da ciência transcendental, sofre a humilhação de “cair-se de repente, como os arcanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo agulhão da CARNE, espolinharse nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como um cabra, como um animal qualquer...” (Ribeiro, 1999: 11).

Apesar de compreender cientificamente todos os aspectos fisiológicos da reprodução, Lenita já não era indiferente às energias libidinosas como outrora. Agora, a protagonista “revolvia-se como uma besta-fera no ardor do cio” (Ribeiro, 1999: 13). Seu corpo de mulher recém-formado surpreendia-a, como se protestasse contra sua castidade, sobretudo ao conhecer Barbosa, por quem logo se apaixona. O narrador sugere: “O que ela sentia era o agulhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da CARNE a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra de perpetuação da espécie”. O espírito de Barbosa, igualmente culto e desenvolvido, tampouco resistiria: “Um tropel de idéias desordenadas agitou-se-lhe, confundiu-se-lhe no cérebro excitado; o raciocínio ausentou-se, venceu o desejo, triunfou a sugestão da CARNE”. E, “bestial como um sátiro”, rendeu-se aos encantos da jovem donzela (Ribeiro, 1999: 96).

Na última parte da trilogia *Vítimas Algozes* (s/d), a personagem da mucama Lucinda é o estereótipo de uma escrava “imoral, viciosa e lasciva”, dominada “pelo império que sobre ela tinha o demônio da luxúria” (Macedo, s/d: 100). Lucinda corrompe a inocência e a pureza de sua senhorinha branca, com sua “esquálida ciência de escrava, cujo sensualismo rebaixa a humanidade até nivelá-la com a brutalidade irracional” (Macedo, s/d: 99).

Existe, enfim, nesse imaginário literário uma forte e deliberada continuidade estabelecida entre sexualidade, animalidade e raça. Se o modo como M. Foucault (1984) lê a filosofia da Grécia clássica mostra o elo que se produziu no Ocidente entre a imagem do animal – a feminilidade, de certa maneira – e a intemperança sexual, o discurso científico do século XIX, retomado nesses romances, acresceria o fator racial a essa equação.

2. O sexo instável

*Hey Hey women are going mad, today
Hey Hey fellers are just as bad, I'll say
[...]
Girls were girls and boys were boys when I was a tot*

*Now we don't know who is who or even what's what!
Masculine Women, Feminine Men
which is the rooster, which is the hen?
It's hard to tell'em apart today!
And say!
[...]*
(“Masculine Women, Feminine Men”, 1925. James Monaco e Edgar Leslie⁷).

A confusão na determinação da masculinidade ou da feminilidade dos jovens, metaforizada na interrogação sobre o sexo dos galináceos, que aborda a letra do *charleston* estadunidense acima referido, expressa uma crise de paradigmas – médicos e sociais – em torno da sexualidade, da expressão de gênero⁸ e da própria definição dos sexos, que a historiadora da ciência Anne Fausto-Sterling e o historiador social da cultura Tiago de Melo Gomes concordariam em descrever como “uma das marcas do início do século XX” (Fausto-Sterling, 2000: 151).

Esse florescimento de novidades na expressão de masculinidades e feminilidades marcou, decerto, a cultura dos grandes centros urbanos no início do século. À exemplo da Berlim dos anos 1920: ao contrário do que pode intuir o senso comum contemporâneo, a capital que conheceria o nazismo na década seguinte vivia, naqueles anos, uma espécie de primavera da liberdade de gênero e da livre expressão da sexualidade, em seu largo espectro, trazendo elementos como a socialidade homoafetiva e a travestilidade às ruas e à vida boêmia da capital alemã (Emig, 1998; Smith, 2013).

Para o contexto brasileiro carioca, podemos nos orientar por uma das proposições de Tiago Gomes (2004), onde o historiador revisa, para a década de 1920, as ansiedades sociais relativas aos chamados temas da modernidade, que vinham tencionando uma série de estruturas tradicionais, ao propor reestruturações nos hábitos e práticas cotidianas da vida urbana. Entre essas ansiedades, o autor analisa novidades sobre as relações de gênero naquela década: os novos passos de dança, as novas modas de vestimenta para homens e mulheres, o surgimento de “tipos” como o afeminado “almofadinha” e a ousada “melindrosa”, a presença das mulheres nos eventos públicos, o feminismo, os cortes de cabelo *à la garçonne* e as calças para as mulheres, a maquiagem e os ternos justos e acinturados para os homens, entre outras tantas práticas que levaram certos cronistas mais conservadores à hipótese de que “a vida moderna havia desfigurado homens e mulheres, transformando boa parte dos primeiros praticamente em mulheres, e vice-versa” (Gomes, 2004: 227).

⁷ Para a letra completa, veja-se <http://queermusicheritage.com/MWFM.html> Acesso em 30 de outubro de 2018.

⁸ Peço licença para o anacronismo implicado em utilizar o termo em seu sentido contemporâneo.

No contexto científico euro-americano, enquanto Sigmund Freud continuava a solidificar seu legado na teoria psicanalítica, erguido em torno das experiências humanas com a sexualidade, a endocrinologia encontrava nas glândulas sexuais um papel central para o desenvolvimento e funcionamento do organismo, e fornecia sua explicação para toda a questão sexual. Incorporada às ciências reprodutivas, a teoria dos hormônios traria grande impacto sobre o conhecimento em torno das faculdades de reprodução, da diferenciação sexual e da sexualidade.

3. A “reversão sexual” e os hormônios “fora de lugar”

No início do século XX, a partir do desenvolvimento da noção de hormônios sexuais “o sexo se tornou químico” (Fasuto-Sterling, 2000: 158) e a endocrinologia sugeriu ter encontrado a chave para entender “o que faz um homem, homem, e uma mulher, mulher” (Oudshoorn, 1994: 16). Disso derivariam inúmeras interações entre a endocrinologia sexual e as questões relativas à sexualidade.

Nas primeiras décadas do século XX foram realizadas, no contexto da medicina científica, inúmeras experiências que testaram, em cobaias animais, o papel das glândulas sexuais e das secreções internas (hormônios⁹) na diferenciação dos sexos.

Algumas delas são abordadas e discutidas em detalhe na tese de doutorado de Afonso Guimarães, de 1929: “A Secreção Interna das Glândulas Sexuais: Pesquisas experimentais nos mamíferos”. O autor analisa a forma pela qual animais como galos e galinhas, carneiros e ovelhas, bodes e cabras, a princípio tão marcadamente distintos na expressão fisiológica do seu sexo, embaralhavam suas características nos experimentos de “reversão sexual”, que vinham sendo feitos desde 1910 nos laboratórios de conceituados endocrinologistas e médicos como M. Juhn e E. D’Amour, A. Pézard e H. Goodale, M. Thorek, A. Lipschütz, E. Steinach, e S. Voronoff, entre outros (Guimarães, 1929).

A imprensa brasileira da década de 1920 mostra-se particularmente atenta às investigações do austríaco E. Steinach: “as experiências de Steinach em animais têm conseguido até que indivíduos de um sexo acabem com algumas das características fisiológicas do outro” (“O rejuvenescimento por Steinach”. *Jornal do Brasil*, 8 jul 1925, p. 6). A notícia se refere aos experimentos desenvolvidos por Steinach entre 1912 e 1913, nos

⁹ O termo hormônio era então recentíssimo. Foi utilizado pela primeira vez em 1905, em uma conferência proferida por Ernest Starling (1866-1927) – professor de fisiologia da Universidade de Londres – na Inglaterra, para designar os “mensageiros químicos” do organismo. Tal conceito operaria, ao longo da primeira metade do século XX, uma verdadeira revolução na fisiologia, que passaria a ser explicada pela agência de reguladores químicos do organismo, e não mais somente pelos estímulos nervosos, controlados pelo cérebro (Oudshoorn, 1994: 16).

quais o fisiologista testou em ratos e porquinhos-da-índia os efeitos do transplante de gônadas ovarianas para machos castrados, e de gônadas testiculares para fêmeas esterilizadas. Os resultados deste experimento cruzado apontaram que, mediante tais transplantes, boa parte das características secundárias físico-comportamentais da feminilidade e da masculinidade apareciam no sexo oposto¹⁰.

O fato de Steinach propor que o comportamento dos sexos – sobretudo no caso do chamado instinto materno – seria redutível à presença das glândulas sexuais, e passível de ser transferido para o outro sexo, é registrado como “um dos maiores feitos da ciência”, segundo a expressão da matéria d’*O Jornal* a respeito do caso (“A origem dos sentimentos maternos”. *O Jornal*, 23 out 1921, p. 3).

Na esteira de Steinach e da voga da endocrinologia daquela época, Voronoff relata em seu livro *Vivre* (1920) – traduzido para a língua inglesa no mesmo ano da publicação original, em francês –, experiências de “reversão sexual” que vinha testando em espécies caprinas e ovinas. As cobaias nas quais a reversão foi operada são por ele referidas como “she-goats” e “ewe-lambs”. Uma “she-goat”, cabra na qual ele havia enxertado os testículos de um bode, é o caso de destaque. Voronoff reporta que a cabra manteve seu tamanho original, mas adquiriu algumas características físicas e comportamentais de um jovem bode: barbicha, chifres e adensamento da pelagem; modos mais agressivos e um “surpreendente” desinteresse pela cria (Voronoff, 1920: 113). Voronoff conclui, a respeito deste exemplo, que não recomendaria a mulher alguma o enxerto da glândula sexual masculina, pois com ele surgiriam os aspectos físicos marcadamente masculinos, “que a mulher não tem nenhum desejo de adquirir”, além do risco da “perversão do instinto materno e uma mudança em seu estado psíquico, em seus sentimentos afetivos”, como havia verificado na cobaia cabra que serviu ao experimento de “reversão sexual” (Voronoff, 1920: 113-114).

¹⁰ Algo bastante similar já havia sido feito em meados do século XIX, no laboratório do fisiologista e zoólogo alemão Arnold Adolph Berthold (1803-1861), com galináceos. A primeira fase do experimento em questão era a castração dos animais, seguido do isolamento de suas gônadas (testículos), implantadas em outras cavidades do corpo de algumas destas aves. O efeito dessa operação, apesar de curto, teria sido significativo: os animais que não receberam os implantes tornaram-se “gordos pacifistas”, enquanto aqueles que os receberam tornaram-se mais viris do que nunca, com todos os aspectos físicos e comportamentais da masculinidade ressaltados (Fausto-Sterling, 2000: 149). O experimento, que “transformou capões lânguidos em galos de briga”, veio a se tornar uma das maiores referências para a endocrinologia sexual, um século mais tarde (Fausto-Sterling, 2000: 149). Na época de Berthold, porém, a conclusão mais impactante foi a de que os implantes não tinham conexão alguma com o sistema nervoso, o que sugeria que o efeito veiculado às gônadas sexuais – além de prover as marcas da masculinidade ao organismo – era transmitido através do sangue (Fausto-Sterling, 2000: 149). Até então, não se tinha notícia de regulações orgânicas não nervosas na fisiologia.

A atenção dada ao suposto problema da homossexualidade, por parte de alguns médicos interessados nas aplicações clínicas das terapias hormonais, abriu um nefasto campo de teoria e experimentação.

Sigmund Freud inclui a discussão sobre a teoria química das secreções internas na penúltima edição dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1920. Em uma nota desta edição, Freud discorre sobre os experimentos de reversão sexual praticados por Eugen Steinach, e inclui no mesmo parágrafo alguns comentários sobre uma cirurgia de enxerto testicular (a chamada cirurgia de Voronoff), executada por A. Lipschütz, em um homem que havia perdido um de seus testículos por conta da tuberculose que o afligia. O sujeito era, segundo Freud, um homossexual passivo e, depois da operação, “começou a comportar-se com masculinidade e a orientar sua libido para as mulheres de maneira normal”. No entanto, o psicanalista considera precipitado afirmar que estes “belos experimentos” conduzissem imediatamente a uma “cura universal do homossexualismo” (Freud, 2012[1920]: 25-26, nota 1), por acreditar que o tema guardava ainda uma dimensão psicológica decisiva.

Em meados de julho de 1925, os leitores do jornal carioca *O Paiz* poderiam ler uma matéria longa, redigida por um médico brasileiro, que celebra uma das últimas “maravilhas da ciência” daquela época, boas novas saídas da recém-surgida ciência dos hormônios, essa especialidade biomédica que andava prometendo o céu e a terra, a juventude eterna, o fim dos sofrimentos da velhice e a “cura” para todos os “males” e todos os tipos de “disfunção” endócrina do corpo dos seres humanos. O triste trecho a seguir apresenta aquilo que o redator avalia como um dos trunfos conseguidos mediante a cirurgia de Voronoff, citando um caso que se deu na Europa, realizado pelo próprio franco-russo:

[...] um rapaz de 24 anos de idade, forte, sanguineo, bem constituido, de fôrmas femininas que ha oito annos vinha soffrendo irreversivelmente de perversão do instincto masculino. Com repugnancia de si proprio, segundo sua textual expressão, procurára na cirurgia de Woronoff um remedio curativo, depois de tentar suicidar-se com dois golpes fundos nos punhos [...] (“A mocidade eterna”. Dr. Alfredo Pinheiro. *O Paiz*, 16 jul 1925, p. 2).

Durante minha pesquisa de mestrado, não foi encontrado nenhum outro registro que vincule, diretamente, o nome de Voronoff à tentativa de reversão da orientação sexual de algum indivíduo homossexual através do enxerto glandular. No entanto, colegas e admiradores do trabalho de Voronoff não hesitaram em indicar, defender e praticar clinicamente a cirurgia de enxertia glandular como um método de “cura” para o “homossexualismo”.

Para melhor compreender as bases desse tipo de pensamento dito científico, voltemos o olhar aos debates travados pelos endocrinologistas, a este respeito, em âmbito internacional, entre 1910 e 1940. Para isso, podemos partir da brilhante revisão que Anne Fausto-Sterling (2000) faz a respeito das variações paradigmáticas da medicina em torno da sexualidade, ao longo do século XX.

A ciência dos hormônios, em sua fase mais incipiente (entre 1905 e início dos anos 1920), firmava-se em um paradigma dualista, que concebia a existência de dois tipos de hormônios: masculinos e femininos. Tal conceito previa que estes hormônios deveriam ser encontrados, exclusivamente, no sexo que lhes era correspondente. A principal formulação da concepção dualista era que os sexos eram perfeitos opostos, e isso deveria se refletir, naturalmente, sobre os hormônios sexuais (Fausto-Sterling, 2000).

Nessa esteira, Eugen Steinach formularia, na década de 1910, a teoria do antagonismo. Seu famoso experimento de reversão sexual em porquinhos-da-índia, segundo ele, dependia da castração prévia das cobaias, sem a qual não seria possível obter os resultados esperados, qual seja, a “troca do sexo” desses animais, pois que a testosterona presente no corpo de um macho anulava os efeitos da substância ovariana artificialmente adicionada. Segundo o experimentador, isso corroborava a ideia de que os hormônios sexuais, como os sexos, eram forças opostas, mutuamente excludentes.

Para Steinach, o “natural” seria que a gônada de cada indivíduo antagonizasse ou suprimisse por completo a presença do hormônio do sexo oposto (Fausto-Sterling, 2000: 191); e somente em circunstâncias “anômalas” – experimentais ou “patológicas” – os hormônios poderiam aparecer “no corpo errado”, fora de lugar (Fausto-Sterling, 2000: 191).

A década seguinte seria marcada pelo “desconcertante” aparecimento de dezenas de relatos médicos que registraram atividade hormonal feminina em corpos masculinos “normais” e, inversamente, atividade hormonal masculina em corpos femininos “normais”. Tais relatos foram reportados em artigos científicos da época como ocorrências “curiosas”, “inesperadas” e “paradoxais” (Fausto-Sterling, 2000: 182).

A chegada da década de 1930 trouxe uma novidade anunciada pelo bioquímico polonês Casimir Funk: ele tinha conseguido isolar em laboratório, pela primeira vez, o hormônio sexual masculino (Barnabà, 2014: 141). Nessa década, a endocrinologia deu um salto técnico que permitiu, a partir do fácil acesso à substância da testosterona, agora manipulada em laboratório, uma intensificação das investigações e estudos sobre a sexualidade humana. Mas as cirurgias de enxertia glândulas continuavam a ser empregadas, muitas vezes em estudos que comparavam seus efeitos aos dos extratos injetáveis.

4. Dados inesperados e uma “ideologia de gênero” do século passado: “o sexo deve existir”

Em ao menos duas de suas publicações que reúnem artigos de sua autoria (1931; 1932), a escritora e ícone do movimento libertário no Brasil, Maria Lacerda de Moura (1887-1945), leva-nos a Gregorio Marañon. Este foi um fisiologista espanhol, naquela época, figura conhecida e influente no Brasil, médico eugenista, estudioso da “diferenciação sexual” e responsável pela fundação da endocrinologia enquanto disciplina na Espanha.

Marañon fundou uma corrente teórica dentro da endocrinologia sexual, que se contrapôs à teoria do antagonismo – aquela que assumia que hormônios sexuais masculinos e femininos não poderiam coexistir no mesmo corpo – para defender que a sexualidade, bem como o sexo dos indivíduos, caracterizava-se como um valor único, de potência dupla.

Sua tese, exposta em livro de 1930, sustentava que tanto os ovários quanto os testículos provinham de um mesmo tecido, indiferenciado durante a fase embrionária dos animais superiores. Existiria, então, a princípio, uma “iminência urogenital” (Marañon, 1930: 11), que fazia com que cada organismo preservasse, em potência, os dois sexos. Ao longo da evolução histológica, através da ação hormonal, um dos sexos – em “condições normais”, aquele correspondente à genitália de cada indivíduo – se desenvolveria mais que o outro, e caberia ao primeiro dominar o segundo (Marañon, 1930: 11-12).

Mas, para Marañon, a diferenciação sexual não se faz, quase nunca – “provavelmente, nunca” – de modo completo, o que explicaria a presença nada atípica de elementos hormonais masculinos no ovário, ou femininos no testículo (Marañon, 1930: 11-12), aqueles que vinham surpreendendo os endocrinologistas na década anterior. Tratava-se de uma contraposição declarada à teoria do antagonismo sexual de E. Steinach.

Segundo Fausto-Sterling, nessa época, embates como este, entre diferentes correntes da endocrinologia, culminaram em uma crise na definição médica dos sexos (Fausto-Sterling, 2000: 183). O fisiologista Allan Parkes, por exemplo, chegou a interpretar a produção simultânea de andrógeno e estrógeno das glândulas adrenais como um “golpe final a qualquer ideia clara sobre sexualidade” (Parkes *apud* Fausto-Sterling, 2000: 191). Como narra a historiadora, no início dos anos 1930, outros se perguntariam sobre o próprio conceito de sexo:

Em uma análise da edição de 1932 de *Sexo e Secreções Internas* (que sumarizou os primeiros dez anos de avanços fundados pelo Comitê para Pesquisa em Problemas do Sexo), o endocrinologista britânico F. A. E. Crew foi até mais longe, perguntando “O sexo é imaginário?... O caso é” ele escreveu, “que a base filosófica da pesquisa moderna sobre o sexo sempre foi extraordinariamente pobre, e pode-se dizer que os pesquisadores americanos

fizeram mais do que nós em destruir a fé na existência da própria coisa que nós tentamos analisar”. No entanto, Crew acreditava que a ciência acabaria por definir o sexo, “o objeto de suas pesquisas,” ao invés do contrário. “Se em uma década tanto foi revelado,” ele escreveu, “o que não saberemos depois de um século de inteligente e industrioso trabalho? A despeito da crescente comprovação científica para o contrário, o sexo *deve* existir” [tradução livre] [grifos no original] (Crew *apud* Fausto-Sterling, 2000: 191-192)¹¹.

Nota-se que o desenvolvimento dos estudos sobre o impacto dos hormônios sexuais no organismo mostrava-se em descompasso em relação ao conservadorismo ideológico em torno da classificação dos sexos e da sexualidade. O trecho indicado por Fausto-Sterling mostra que, em 1932, Francis Crew fez uma escolha, ao defender, deliberadamente, que a pesquisa deveria se adequar ao ideário normativo em torno da diferenciação sexual em vigor na época (Levai, 2016: 159). Por muitas décadas, a endocrinologia seguiria este rumo.

Segundo Richard Cleminson, a sexologia do século XIX faria um esforço similar

[...] para procurar e expor a “verdade” da sexualidade individual ou universal, baseando-se em um enquadramento naturalizante que via a cultura como um reflexo da realidade “natural” em termos descomplicados, frequentemente patologizando a sexualidade “desviante” no processo [tradução livre] (Cleminson, 2000: 38).

No próprio ano de 1930, G. Marañon propôs que a cirurgia de Voronoff fosse empregada não para rejuvenescer, mas para tratar os casos do que chamava de “homossexualismo extremo”, sugerindo que tal intervenção cirúrgica poderia “corrigir” este comportamento sexual (Marañon *apud* Lacerda, 1932: 209). Afinal, sua tese previa que a diferenciação dos sexos, bem como a determinação da sexualidade, dependia da atividade hormonal, que seria responsável por estimular em cada indivíduo os caracteres do seu sexo, deprimindo o desenvolvimento dos caracteres do sexo oposto. A “voronoffização”, como outras terapias hormonais, seria, portanto, um meio de sufocar as inclinações homossexuais, compreendidas como “resquícios do outro sexo” (Ribeiro, 1938).

Maria Lacerda de Moura registrou suas objeções às declarações deste médico eugenista. Em meio à sua erudita argumentação, a escritora afirma não enxergar na homossexualidade “vergonha” ou “baixeza” alguma, quanto menos algo que precisasse ser “sufocado”, mas sim uma especificidade que se dava naturalmente para alguns, e que deveria

¹¹ In a review of the 1932 edition of *Sex and Internal Secretions* (which summarized the first ten years of advances funded by the Committee for Research in Problems of Sex), the British endocrinologist F. A. E. Crew went even further, asking “Is sex imaginary?...It is the case,” he wrote, “that the philosophical basis of modern sex research has always been extraordinarily poor, and it can be said that the American workers have done more than the rest of us in destroying the faith in the existence of the very thing that we attempt to analyze.” Nevertheless, Crew believed that science would ultimately define sex, “the object of its searchings,” instead of vice versa. “If in a decade so much has been disclosed,” he wrote, “what shall we not know after a century of intelligent and industrious work? Despite growing scientific evidence to the contrary, sex *must* exist” (Crew *apud* Fausto-Sterling, 2000: 191-192).

ser respeitada enquanto tal, justamente por sua naturalidade (Moura, 1932: 209). E afirma ser “lamentável” a recomendação de “voronoffização”, feita por Marañon, aos “homens afeminados” e às “mulheres masculinizadas”, qual seja, a aplicação do enxerto de glândulas masculinas nos primeiros, para reforçar sua virilidade, e de glândulas femininas nas segundas, para fazer prevalecer a feminilidade (Moura, 1932: 209).

Entretanto, o endocrinologista espanhol era celebrado por muitos médicos brasileiros. Na esteira do surgimento das ideologias positivistas, aparecia, desde a transição do Império para a República, “uma necessidade de provar que o Brasil estava acompanhando as novidades científicas mundiais”, e a homossexualidade foi muito debatida pela classe médica brasileira como um assunto quente sobre o qual se tentava provar teorias internacionais (“O inferno da ‘cura’ gay”. Marcos Sergio Silva. *UOL*. São Paulo, s/d, 2017. ¹²).

O mais célebre dentre os seguidores de Marañon foi o criminologista brasileiro Leonídio Ribeiro. Dirigente do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro e criador do Laboratório de Antropologia Criminal, L. Ribeiro pesquisava e clinicava pela “correção” da homossexualidade. Em seu livro de 1938, “Endocrinologia e Homossexualismo” – prefaciado, aliás, por Gregorio Marañon –, a “voronoffização” é tratada no capítulo “Tratamento medico-pedagogico”, onde o autor afirma:

Há uma observação recente de Dartigues¹³, de Paris, de um nevropata de 33 anos, cujas antigas tendências homossexuais foram logo melhoradas [depois do enxerto testicular de Voronoff], aparecendo mesmo o desejo sexual e a vontade de casar, dois meses depois da operação de transplantação [...] (Ribeiro, 1938: 171).

Além de mostrar-se bastante interessado no emprego dos enxertos de Voronoff para a reversão dessas “tendências”, Ribeiro defende que os casos de “homossexualismo” já não poderiam mais ser vistos como perfis criminosos, como se concebia até então, mas, antes, desordens endocrinológicas, passíveis de tratamento¹⁴:

O professor Mario Carrara, de Turin, que foi um dos primeiros a chamar a atenção para as origens organico-endocrinas da criminalidade sexual, afirma que o homossexualismo está condicionado por graves distúrbios hormonais e desse modo deve-se acreditar numa terapêutica, por meio de intervenção

¹² Disponível em <https://www.uol/noticias/especiais/o-inferno-da-cura-gay.htm#as-origens-do-horror> Acesso em 31 de outubro de 2018.

¹³ Dr. Louis Dartigues e Voronoff trabalharam juntos durante toda a década de 1920. Pode-se dizer que esse ginecologista era uma espécie de mão-direita de Voronoff.

¹⁴ Naquele contexto, o próprio tratamento contra a homossexualidade, por considerá-la consequência de um desequilíbrio hormonal, reversível, era uma medida considerada progressista, em relação à concepção que vigorava até então no direito e na criminologia, que classificava o homossexual como um tipo criminoso, ou na psicologia e na psiquiatria, que pensava a homossexualidade como uma degeneração moral (Glick, s/d).

cirurgica ou de recursos farmacologicos, especialmente opoterapicos¹⁵ (Ribeiro, 1938: 175).

5. Origens e desdobramentos, criminologia e nazismo

Atentemos para o fato de Leonídio Ribeiro ter sido um criminologista. É interessante situar aqui breves considerações acerca da tradição de tal disciplina, a partir da leitura feita por Stephan Jay Gould, em *A Falsa Medida do Homem* (2014).

Este paleontólogo, biólogo e historiador da ciência lembra-nos que a ideia de evolução impactou profundamente o século XIX, sobretudo as ciências da vida, que seriam reformuladas à luz de tal conceito. Na segunda metade do século XIX, nascia a antropologia criminal, disciplina criada por Cesare Lombroso. *L'uomo delinquente* é o título de sua obra de 1876, grande marco da criminologia. Para o higienista italiano, o “criminoso nato” poderia ser identificado em sua fisionomia, capaz de denunciar, fenotipicamente, toda sua “degeneração moral”. Criminosos natos eram, aliás, para ele, homens de “traços atávicos”, movidos pelo seu “passado simiesco”, ou ainda, “símios que vivem entre nós” (Gould, 2014: 122). Como resumido por Jay Gould, no ponto de vista de Lombroso:

Os criminosos são tipos atávicos, do ponto de vista da evolução, que perduram entre nós. Em nossa hereditariedade jazem germes em estágio letárgico, provenientes de um passado ancestral. Em alguns indivíduos desafortunados, esse passado volta à vida. Essas pessoas se vêem levadas, devido à sua constituição inata, a se comportar como um macaco ou um selvagem normais, mas esse comportamento é considerado criminoso por nossa sociedade civilizada (Gould, 2014: 123).

Apesar da lógica do criminologista italiano ter encontrado sérios problemas para sustentar-se cientificamente e para ser aceita pela comunidade médica, Lombroso não deixou de insistir nas “raízes biológicas” da criminalidade. Sua reação às críticas foi simplesmente ampliar as causas inatas da criminalidade, passando a incluir entre elas “várias categorias de enfermidade e degenerações congênicas” (Gould, 2014: 133). O autor recupera as palavras de Lombroso: “Vemos no criminoso [...] um selvagem e, ao mesmo tempo, um enfermo” (Lombroso *apud* Gould, 2014: 133).

A partir da antropologia criminal de Lombroso apareceriam ainda muitas outras teorias e derivações correlatas. Uma delas foi a teoria da recapitulação, de Ernst Haeckel (1834-1919), o conhecido zoólogo alemão.

Ainda seguindo a revisão de Jay Gould, sua tese pode ser sintetizada no seguinte axioma: “a ontogenia recapitula a filogenia” (Gould, 2014: 112). Haeckel sugeria “que o

¹⁵ A opoterapia, que começou a se popularizar no final do século XIX, consistia no emprego de extratos de órgãos animais com fins terapêuticos.

desenvolvimento embriológico das formas superiores poderia servir como um guia para se deduzir de forma indireta a evolução da árvore da vida”, ou seja, ao longo da evolução orgânica de cada indivíduo, o corpo reproduzia, em microescala, a evolução da espécie humana, ao atravessar uma sequência de estágios que “correspondem sequencialmente às diferentes formas adultas de seus antepassados” filogenéticos (Gould, 2014: 112). Vale reter esse raciocínio.

Em 1940, Gregorio Marañón continuava a desenvolver suas teses sobre a ação hormonal e a sexualidade humana, agora argumentando que a ação química hormonal sobre o aparelho genital, por si só, não era capaz de reverter um quadro de homossexualidade. Afinal, segundo ele, a função do hormônio sexual, em relação à sexualidade, era apenas a de ativar a libido, que, na sua qualidade de “instinto” primitivo, era incapaz de diferenciar seu objeto de desejo, ou seja, não mantinha relação específica com a orientação do desejo para o sexo oposto. O hormônio sexual, porém, por se propagar para todas as partes do corpo, guardava influência sobre o cérebro, e era a agência da mente sobre a libido que seria capaz de direcioná-la para o sexo oposto, modificando um quadro de sexualidade “desviante” (Marañón, 1940: 84).

Explica o fisiologista: “O que diferencia este impulso embaçado [a libido] é a eleição rigorosa do objeto de sua satisfação, e essa eleição é um fenômeno especificamente mental e não endócrino” [tradução livre] (Marañón, 1940: 85)¹⁶.

O espanhol pondera sobre o fato de que muitos animais mal distinguem o sexo do parceiro para excitar-se e copular, pontuando que este quadro tendia a rarear à medida que se subia na escala zoológica. Vincula, assim, a heterossexualidade ao destino da evolução das espécies, em contraposição à libido indiferenciada, “característica dos animais inferiores”:

Às vezes esta diferenciação é quase turva, mas basta, porque o espírito, sobre um simples detalhe morfológico, é capaz de engajar seu poder criador e constituir um ideal, quer dizer, um objetivo do instinto rigorosamente diferenciado, individualizado [...] Este caráter cerebral da especificação do instinto explica-nos também que a diferenciação sexual mais apurada é a que se observa na espécie humana. O animal, quanto mais baixo se observa na espécie a que pertence, mais perto estará da indiferenciação sexual, isto é, do homossexualismo. O homossexualismo é, por isso, menos frequente à medida que avançamos no progresso das espécies; e na humana, a mais avançada de todas, o homossexualismo é também, portanto, sempre, consequência de uma

¹⁶ “Lo que diferencia este impulso borroso [a libido] es la elección estricta del objeto de su satisfacción, y esta elección es un fenómeno especificamente mental y no endócrino” (Marañón, 1940: 85).

condição orgânica anormal e regressiva [tradução livre] (Marañón, 1940: 85)¹⁷.

Para este médico eugenista, a homossexualidade, condição “anormal e regressiva”, equacionava-se, portanto, à “baixeza” animalesca, por via do desregramento da libido.

O argumento do evolucionismo encontra, ainda, mais um desdobramento em sua tese. G. Marañón apostava numa hierarquia evolutiva dos sexos, manifesta nos aspectos do desenvolvimento endócrino-sexual dos seres humanos: os hormônios femininos eram vistos por ele como caracteres iniciais, juvenis, e, os masculinos, caracteres terminais, maduros (Marañón, 1940: 65). O fisiologista espanhol defendia que, a rigor, não existiam dois sexos, mas duas fases evolutivas da humanidade: a forma masculina, que seria a instância teleológica da espécie, ou seja, o objetivo final da evolução humana, e a forma feminina, que seria uma forma mais baixa na escala evolutiva, estagnada em sua inferioridade, fisiologicamente equiparável à infância masculina. Para o autor, somente a maternidade poderia elevar a forma feminina a uma expressão completa.

É possível inferir que Marañón estivesse aplicando o princípio da recapitulação para a diferenciação sexual humana, ao transpor a ideia de uma dita hierarquia evolutiva dos sexos para a configuração da atividade hormonal ao longo do desenvolvimento orgânico de cada indivíduo. Suas teses, enfim, apesar de pouco ortodoxas e pretensamente revolucionárias, mostravam-se enredadas em postulados tão preconceituosos e conservadores quanto possível.

Se a endocrinologia clínica – ao menos aquela perpetuada por G. Marañón e L. Ribeiro – se associou ao legado da eugenia do século XIX, ela ainda iria de encontro aos tenebrosos projetos científicos de pureza racial do século XX.

O trabalho do historiador Carlos Nápoli (2012) analisa uma documentação inédita da ciência nazista, que aponta o modo como médicos, químicos e agrônomos que estiveram envolvidos no projeto do Terceiro Reich preocuparam-se em manter-se atentamente atualizados em relação às novidades da endocrinologia na década de 1930, e, particularmente, aos trabalhos de S. Voronoff e E. Steinach. Segundo o autor, a pretensa ciência nazista manteve um sólido interesse nas terapias hormonais, naquilo que ela se ligavam às

¹⁷ “As veces esta diferenciación es casi borrosa, pero basta, porque el espíritu, sobre um simple detalhe morfológico, es capaz de engranar su poder creador y constituir um ideal, es decir, um objetivo del instinto rigorosamente diferenciado, individualizado[...] Este carácter cerebral de la especificación del instinto nos explica también el que la diferenciación sexual más fina se a la que se observa em la especie humana. El animal, cuanto más bajo que se observa em la especie a que pertenece, más cerca estará de la indiferenciación sexual, esto es, del homossexualismo. El homossexualismo es, por eso, menos normal a medida que avanzamos em el progreso de las especies; y em la humana, la más avanzada de todas, el homossexualismo es también por ello, siempre, consecuencia de uma situación orgânica anormal y regressiva” (Marañón, 1940: 85).

possibilidades de “cura” da homossexualidade e ao alargamento do potencial reprodutivo da população.

Junto a outros dos mais importantes ideólogos do movimento nazista, Heinrich Himmler, por exemplo, agrônomo e comandante militar da SS, concebia os homossexuais como “uma mancha na pureza da raça ariana, membros estéreis na propagação da raça superior” (Nápoli, 2012: 49). A documentação levantada por Nápoli aponta que a ciência nazista interessava-se ainda pelo potencial que a endocrinologia poderia representar para a extensão da expectativa de vida dos cidadãos do Terceiro Reich e, sobretudo, a potencialização da fertilidade nas mulheres alemãs, como meio de acelerar a proliferação da chamada raça ariana (Nápoli, 2012: 34). Essas relações evocam uma reflexão de Michel Foucault, qual seja, aquela que avalia que no exemplo extremo do contexto nazista, o biopoder foi absolutamente generalizado e, junto com ele, o direito de soberania, de “fazer morrer”; ou seja, que na sociedade nazista coincidiram, perfeitamente, os dois mecanismos (Foucault, 2005: 311).

Assim, a terapia dos enxertos glandulares, propagada e idealizada por Serge Voronoff, foi estabelecida como modelo e praticada por muitos outros médicos – de forma mais ampla do que a prevista pelo próprio Voronoff – nos corpos dos animais inférteis e inaptos à reprodução, dos senhores e das senhoras, dos homossexuais, dos homens “afeminados”, das mulheres “masculinizadas”, dos então chamados hermafroditas, dos estéreis, dos impotentes, das “histéricas”, dos acometidos pelo “cretinismo”, pela neurastenia e por toda sorte de “disfunção” que aproximava os organismos da morte ou de uma vida “improdutiva”. Segundo Foucault, com o excesso de biopoder, apareceria ainda a possibilidade técnica e política “[...] não só de organizar a vida, mas de fazer a vida proliferar, de fabricar algo vivo, de fabricar algo monstruoso [...]” (Foucault, 2005: 303).

5. Possibilidades a contrapelo

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, Voronoff, na qualidade de filho de poloneses judeus, tomaria dimensão de como suas contribuições foram apropriadas por médicos que se alinharam ao nazismo, e lamenta ter feito declarações entusiasmadas em relação a Mussolini, e o fato de assistir seus colegas e admiradores tornarem-se colaboradores de Hitler (Barnabà, 2014: 112).

Avançando em direção à década de 1950, endocrinologistas e médicos começariam – e o fazem ainda hoje – a empregar métodos hormonais e cirúrgicos, mais apurados que os de

Voronoff, para “corrigir” casos de intersexualidade em recém-nascidos, conformando sua genitália a um ou outro sexo.

O ano de 1947 é o ano em que o conceito de gênero é utilizado pela primeira vez, mas longe de ser apresentado de modo progressista, ele se desenvolve clinicamente, às vésperas da década de 1950, junto a práticas de “cura” de crianças intersexuais, em experimentos científicos marcadamente antiéticos. Seu proponente, o sexólogo e psicólogo neozelandês John Money (1921-2006), buscava demonstrar como utilizar a tecnologia para “adequar” corpos anatomicamente dissidentes à norma binária do sexo (Preciado, 2008: 81-82), a partir de sua hipótese de base, que anunciava a precedência de fatores mentais sobre a determinação dos caracteres secundários do sexo. Não é fortuito que as “terapias” de “cura gay”, a partir dos anos 1950, tenham tomado a psicologia como seu principal alicerce .

O revés dessa fase dos estudos sobre a intersexualidade foi o fato de as ciências reprodutivas terem se deparado, um tanto quanto inadvertidamente, com uma surpreendente quantidade de variações na morfologia sexual, capaz de provocar a desmantelamento do modelo de dois sexos¹⁸, e uma profunda crise epistêmica na medicina que se voltava ao sexo. De modo que a medicina da década de 1950 poderia ter assumido a existência não de dois, mas de quatro, cinco ou seis sexos, se tivesse admitido com seriedade a multiplicidade de variações morfológicas, genéticas, cromossômicas e hormonais que complexificam grandemente a questão da diferença sexual¹⁹. Mas tal reviravolta epistêmica foi ansiosamente varrida para baixo do tapete, fazendo com que o modelo binário dos sexos permanecesse intocável. Por muito tempo, a medicina reuniu esforços para “fazer desaparecer” casos que fugissem à concepção binária de sexo, gênero e sexualidade, idealizada pelo modelo normativo (Fausto-Sterling, 2000: 61).

Felizmente, na década de 1960, o conceito de gênero foi recuperado e apropriado pela movimentação política feminista, para ganhar desdobramentos que viriam a questionar as bases da naturalização do comportamento sexual e social de mulheres e homens. Pouco mais tarde, a militância das chamadas dissidências sexuais utilizá-lo-ia para combater as atrocidades feitas a partir dele, no campo da medicina, sobre os corpos daqueles indivíduos com sexos e sexualidades “desviantes”.

Outra guinada revolucionária seria dada no fim do século XX, quando a tecnologia da endocrinologia e da cirurgia, depois de décadas de militância da comunidade transgênero,

¹⁸ A gênese deste modelo, aliás, pode ser estudada a partir da sólida análise de Thomas Laqueur, *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud* (1990).

¹⁹ Cito aqui uma das elaborações de Paul Preciado, em comunicação oral: “¿La muerte de la clinica?” Conferencia no Museo Reina Sofía, 9 de março de 2013.

torna-se minimamente acessível para esta população, dessa vez, para que seja possível operar em seus corpos a transição desejada, quando estes optam pela cirurgia de resignação sexual. Foi somente em 2018 que comunidade transgênero conseguiu a despatologização de sua categoria, ou seja, a retirada (parcial) do conceito de transexualidade na lista do *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), onde constava como transtorno psicológico, desde 1952 – quando a lista foi criada nos EUA, para tornar-se uma referência mundial na área de psicologia e psiquiatria.

Voltemos, por alguns instantes, ao primeiro caso de cirurgia de resignação sexual para transexuais, de que temos notícia, na historiografia. Trata-se do caso retratado no filme *A garota dinamarquesa*, a respeito do pintor dinamarquês Einar Weneger, que, em fins da década de 1920, passava a assumir a identidade feminina de Lili Elbe (1882-1931). Antes de seu falecimento, Lili deixou uma autobiografia [Hoyer (org.), 1933], escrita sob o pseudônimo de Andreas Sparre, documento cuja preciosidade é similar àquela dos fragmentos do diário de Herculine Barbin, encontrados por Michel Foucault, na década de 1980²⁰.

As práticas de travestismo, o comportamento “afeminado” e o sofrimento físico e psíquico levam o melancólico Einer aos consultórios e clínicas de profissionais da área médica e psíquica, onde foi diagnosticado como neurótico, homossexual, histérico e esquizofrênico. O pintor chegou a se submeter ao tratamento de Steinach, recebendo aplicações de radiação sobre seus genitais, intervenção cujo fim era neutralizar a potência feminina que vinha ganhando força em seu corpo. E, de fato, na narrativa autobiográfica, L. Elbe avalia sua própria existência em linhas semelhantes às da tese da dualidade de G. Marañon, e compreende que vinha sufocando, por toda sua vida, uma espécie de gêmeo feminino, Lili, que, ultimamente, vinha se sobrepondo a Einer. Entretanto, compreende que Lili era sua verdadeira expressão.

Alguns anos mais tarde, Einer/Lili se submeteu a algumas cirurgias de readequação sexual, em clínicas de Berlim e Dresden, entre 1930 e 1931. Se, nos anos anteriores, Einar havia recebido uma série de diagnósticos médicos e psicológicos que o taxaram como histérico e esquizofrênico, e que tentaram, inclusive, “curá-lo” com as sessões de radiação de Steinach, as operações performadas em clínicas alemãs buscaram atendê-la (Lili) no sentido

²⁰ Veja-se FOUCAULT, Michel. 1980. *Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

contrário: a própria paciente as procurou com o intuito de completar sua transição (intencional) para o sexo feminino (Hoyer, 1933).

Tais cirurgias empreenderam remoção de testículos, remoção do pênis, uma incisão exploratória no abdômen – que teria confirmado a hipótese médica sobre certo grau de intersexualidade, por constatar a presença de ovários rudimentares –, um enxerto de tecido ovariano, uma intervenção mais nebulosa que envolveu a inserção de uma cânula (muito possivelmente na tentativa de criar um canal vaginal) e, por fim, o transplante de um ovário (Hoyer, 1933: vii). A paciente não sobreviveu aos meses pós-operatórios desta última intervenção, vindo a falecer em setembro de 1931, aos 48 anos de idade.

Note-se que as duas últimas intervenções atrelam-se às técnicas cirúrgicas de Serge Voronoff: o enxerto de glândulas sexuais entre seres humanos, ou seja, a clássica cirurgia de Voronoff, e o transplante de órgãos sexuais, que o franco-russo não criou, mas foi dos primeiros médicos a estudá-lo seriamente e a testá-lo.

O caso de Lili Elbe, inédito para a época, envolveu a ousada subversão das tecnologias da endocrinologia, que vinham sendo extensamente utilizadas com vistas à “correção” das ditas sexualidades desviantes. E, como outros casos, nos indica que a história, a ciência e a sociedade não caminham nem escalam no sentido de um “progresso” ascendente, mas que estão muito mais ligadas a movimentos cíclicos, a avanços e retrocessos, guinadas e torções. Em outras palavras, cumpre observar que, por mais que as descobertas científicas e as mudanças de paradigma nas ciências pareçam caminhar para o abandono da ignorância e do preconceito, crises epistêmicas jamais culminam em transformações efetivas, se não forem acompanhadas de reviravoltas na esfera política e moral, reivindicadas e apropriadas pelos movimentos sociais e por aqueles que seriam, *a priori*, meros “objeto” da pesquisa científica. Afinal, ciência e política sempre estiveram, invariavelmente, enredadas.

Bibliografia

a) Fontes primárias

“O rejuvenescimento por Steinach”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 8 jul 1925, p. 6

“A mocidade eterna”. Dr. Alfredo Pinheiro. *O Paiz*, 16 jul 1925, p. 2

“A origem dos sentimentos maternos”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 23 out 1921, p. 3.

“O inferno da ‘cura’ gay”. Marcos Sergio Silva. *UOL*, São Paulo. s/d, 2017.

“Cientistas cortam DNA de cobaias machos e ovário aparece no lugar de testículo”. *GI*. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2018.

“Masculine Women, Feminine Men!” (música) – Ano: 1926. Interpretação: Irving Kaufman. Composição: James V. Monaco / Edgar Leslie.

CAMINHA, Alfredo. 1995. *Bom-criolo*. São Paulo: Ática.

- FREUD, Sigmund. 2012 [1920]. *Três Ensaios sobre Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- GUIMARÃIS, Afonso. 1929. *A Secreção Interna das Glândulas Sexuais: Pesquisas experimentais nos mamíferos*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto. Pôrto, Portugal: Tip. Costa Carregal.
- HOYER, Niels (ed.) 1933. *Man into Woman: an authentic record of a change of sex*. Londres: Jarrolds Publishers. “Introduction”, por Norman Haire. pp. v-xii.
- MACEDO, Joaquim. s/d. “III – Lucinda, a mucama” in *Vítimas Algozes*. Domínio público.
- MARAÑÓN, Gregorio. 1930. *La evolución de la Sexualidad y Los Estados Intersexuales*. Madrid: Ediciones Morata (Ciencias Biológicas).
- _____. 1940. *Estudios de Endocrinología*. Buenos Aires: Cia Gral Fabril Financeira.
- MOURA, Maria Lacerda de. 1931. *Civilização – tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MOURA, Maria Lacerda de. 1932. *Amai...e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PARKES, Alan Sterling. 1966. *Sex, Science, and Society: Addresses, Lectures, and Articles*.
- RIBEIRO, Júlio. 1999. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret.
- RIBEIRO, Leonídio. 1938. *Endocrinologia e homosexualismo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- STARLING, Ernest. 1905. “The Croonian Lectures I: On the chemical correlation of the functions of the body” in *Lancet* II 166: 339–341.
- THOREK, Max. 1924. *The Human Testis and its Diseases*. Philadelphia: J. B. Lippincott Company.
- VORONOFF, Serge. 1920. *Life: A Study of the Means of Restoring Vital Energy and Prolonging Life*. New York: E. P. Dutton & Company.

b) Referências bibliográficas

- BARNABÀ, Enzo. 2014. *Il sogno dell'eterna giovinezza*. Formigine (Modena): Infinito edizione.
- CLEMINSON, Richard. 2000. *Anarchism, Science and Sex: Eugenism in Eastern Spain: 1900-1937*. Oxford: Peter Lang.
- EMIG, Rainer. 1998. “Transgressive Travels: Homosexuality, Class, Politics and the Lure of Germany in 1930s Writing” In *Critical Survey*. Vol. 30. 2008. pp. 48-55.
- FAUSTO-STERLING, Anne. 2000 *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Basic Books.
- FOUCAULT, Michel. 1984. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 2005. “Aula de 17 de março de 1976” in *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 285-315.
- FRY, Peter; CARRARA, Sergio. 2016. “‘Se oriente, rapaz!’: Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos ‘outros’ na controvérsia sobre as causas da homossexualidade?” *Revista Antropologia*, São Paulo, Vol. 59, n. 1, abril/2016, pp. 258-280.
- GLICK, Thomas. s/d. “Marañón, Intersexuality and the Biological Construction of Gender in 1920s Spain”. In: *Cronos*, 8, pp. 121-138.
- GOMES, Tiago de Melo. 2004. *Um espelho no palco: Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- GOULD, Stephen Jay. 2014. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAQUEUR, Thomas. 1990. *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press.
- LEVAI, Giulia. 2016. “Superanimal, infra-humano: animalidade e gênero na leitura popular de práticas biomédicas na Primeira República”. 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

- NÁPOLI, Carlos. 2012. *A fórmula da eterna juventude e outros experimentos nazistas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- OUDSHOORN, Nelly. 1994. *Beyond the Natural Body: an archeology of sex hormones*. London and New York: Routledge.
- OUDSHOORN, Nelly. 1998. "Hormones, Technique et Corps: L'archéologie des hormones sexuelles (1923-1940)". In: *Annales HSS*, jul-out de 1998, n° 4-5, pp. 775-793.
- PRECIADO, (Paul) Beatriz. 2008. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe.
- SENRA, Flavio. 2006. "O Século XIX: um breve preâmbulo e alguns apontamentos" in *A herança do período naturalista nas letras do século XX*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada apresentada à coordenação dos cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pp. 9-21.
- SMITH, Camilla. 2013. "Challenging Baedeker Through the Art of Sexual Science: an Exploration of Gay and Lesbian Subcultures in Curt Moreck's Guide to 'Depraved' Berlin (1931)" In *Oxford Art Journal*. Vol. 36, Issue 2, June 2013. pp. 231-256.